

OS MITOS E A RELIGIÃO

Leonardo Guedes Ferreira
Ricardo Pereira de Oliveira
José Roberto Palmeira
Joel Vitor Celso Rabelo

Desde que a humanidade apareceu na face da Terra, o homem busca explicar os fenômenos que acontece ao seu redor: chuva, aurora e ocaso, fertilidade da terra, épocas de plantio e colheita, etc. A primeira explicação que os homens buscaram foi através dos mitos transmitidos oralmente de geração a geração em uma tribo. Quando essa tribo se tornava uma aldeia maior ou mesmo uma cidade, cada vez mais estórias eram agregadas, cada vez mais mitos eram acrescentados à religião de um povo.

Aqui vamos tratar da religião grega, mais precisamente de um mito daquela religião, as construções poéticas que os gregos usavam para explicarem o mundo ao seu redor.

Mitos de origem

A Grécia antiga é povoada de muitos mitos, a imaginação dos gregos para contar mitos e fábulas era muito fértil, há uma infinidade de histórias que eram transmitidas oralmente. Com a invenção da escrita e seu aparecimento na Grécia, esses mitos passaram a ser registrados em livros.

Os primeiros escritos gregos que a história tem conhecimento são a Teogonia de Hesíodo e A Odisseia de Homero.

A Teogonia de Hesíodo explica o surgimento dos deuses em forma escrita, porém para alguns estudiosos da mitologia, a escrita retirou do mito a sua capacidade de ser mais criativo, mais flexível, pela sua própria oralidade. Os mitos antes da invenção da escrita eram transmitidos pelos músicos, espécie de trovadores, de cantadores desses mitos nas praças ou em locais de reunião do

povo. A escrita enrijeceu o mito, assim como a fotografia só consegue retirar da realidade apenas em um momento no tempo.

Mito de Perséfone

O mito de Perséfone conta uma história para explicar a fertilidade da terra. Ela representava a explicação mitológica não apenas para a fertilidade na terra, mas também para a origem das estações.

Deméter e Perséfone

Deméter era a deusa do trigo e, de um modo geral, de toda a terra cultivada. Senhora dos cereais, não admira que os Romanos lhe tenham chamado Ceres.

Da sua união com Zeus, teve uma filha, Perséfone (Prosérpina, para os Romanos). Era a sua única filha, que cresceu, muito bela e feliz, na companhia das ninfas e de duas meias-irmãs, as deusas Ártemis e Atena.

Hades, o deus dos infernos, que era irmão de Zeus e, portanto, seu tio, apaixonou-se perdidamente por ela. Um dia, quando a jovem passeava despreocupada pelos prados verdejantes, ao colher uma flor, a terra abriu-se de repente e Hades surgiu para a raptar e levar consigo para o mundo inferior sobre o qual reinava.

Deméter ouviu os gritos de aflição da filha e correu para a ajudar, mas nada pôde fazer. Nem sequer sabia onde ela estava nem quem a tinha levado.

Desesperada, começou a percorrer o mundo de lés-a-lés, em busca da filha, sem comer nem beber, sem se preocupar com o seu aspeto nem tratar de si, sem cuidar de nenhuma das suas tarefas. Acabou por conseguir que o Sol, que tudo vê, lhe revelasse quem fora o raptor da filha. Decidiu então não mais voltar ao Olimpo, a morada dos deuses, e renunciou às suas funções divinas até que a filha lhe fosse devolvida.

A terra foi ficando estéril e os homens com fome, pois as culturas secaram e morreram. Tudo era devastação e abandono. Então Zeus, responsável pela ordem no mundo, preocupado com a calamidade causada por Deméter, ordenou

a Hades que devolvesse Perséfone. A jovem, porém, por fome ou instigada por Hades, comera já um bago de romã no mundo das sombras e esse pequeno gesto ligara-a para sempre ao reino do marido.

Teve então de se chegar a uma solução de compromisso e a um acordo: Perséfone passaria metade do ano com a mãe, no Olimpo, e a outra metade com o marido, no mundo dos infernos.

Assim, quando Deméter tem a filha ao pé de si, está feliz e a natureza floresce: é o tempo da primavera e do verão. Mas quando Perséfone tem de regressar para junto de Hades, Deméter mergulha de novo na maior tristeza: começa então o outono, vem depois o inverno e a desolação na natureza. E é essa a causa do ciclo das quatro estações.

Temos que reparar que os mitos também eram uma forma racional de explicar o mundo ao redor dos gregos, já que apontava as causas para efeitos visíveis no mundo.

Mais tarde veremos que a explicação mitológica não mais serviu para justificar a organização e origem do mundo. Surgiam os primeiros filósofos que deixaram de lado as explicações mitológicas para buscar a origem dos mitos na natureza e não no imaginário humano.

Serão chamados filósofos da *Physis* (termo grego para natureza).

PESQUISA:

Sugerir aos alunos que pesquisem diversos mitos diferentes e narrem suas histórias na sala de aula, que busquem suas compreensões a respeito do mito contado e as explicitem.

PRÉ-SOCRÁTICOS



www.shutterstock.com · 360530345

Os pré-socráticos, são considerados como os primeiros filósofos da história ocidental.

A diferença crucial entre o pensamento filosófico dos pré-socráticos; e o pensamento mitológico, é que apesar de ambos tentarem explicar a origem do “cosmos”, o pensamento mitológico recorre a causas divinas como princípio de toda a origem, através dos “mitos de origem”; tais explicações são consideradas como pensamento **cosmogônico**. Em contrapartida, os filósofos pré-socráticos buscam explicar a origem de tudo, isto é, o **Arkhé** (o princípio gerador de todas as coisas); porém, não recorrendo a causas divinas, mas sim, a causas “naturais”, isto é, a **Physis** (a natureza). Este modo de buscar o princípio de origem do “cosmos” na natureza, caracteriza estes filósofos como: “filósofos naturais”. Tais explicações são consideradas como pensamento **cosmológico**.

A passagem do pensamento mitológico para a “filosofia natural”, é marcada pelos filósofos deste período, que ao “substituírem” a cosmogonia pela cosmologia, marcam a história da filosofia, caracterizando este período como: o período pré-socrático.

Tales de Mileto (cerca de 625 e 545 a.C.)

Considerado como sendo o primeiro filósofo da história do ocidente, Tales não somente contribuiu para a história da filosofia, como também teve influência sobre outros campos do conhecimento, como a matemática por exemplo, ao desenvolver um teorema, estudado até os dias de hoje, denominado: “teorema de Tales”.

Para tentar explicar a origem de todas as coisas, Tales irá concluir que o elemento natural capaz de originar tudo, seria a água. Tal conclusão, dentre diversos fatores, seria pautada pela observação da natureza, uma vez que a água, quando jogada na terra, dá origem ao nascimento de plantas, por exemplo.

Além de sua influência na matemática, Tales também era conhecido por seus estudos de astronomia.

Anaximandro (cerca de 610 a 547 a.C.)

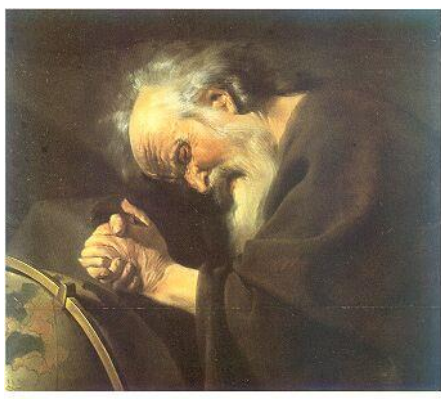
Na mesma tentativa de buscar um princípio para a origem de todas as coisas, Anaximandro diverge de Tales em alguns aspectos, pois para ele, este princípio não poderia ser determinado pura e simplesmente, pelo fato de uma observação da natureza; muito pelo contrário, tal princípio, por sua vez, seria indeterminado, não podendo ser algo tão denso como a água, por exemplo, mas sim, algo totalmente “sutil”, que Anaximandro define como **apeirón** (o indeterminado, ou infinito).

Anaxímenes (cerca de 588 a 525 a.C.)

Diferentemente de Tales e de Anaxágoras, Anaxímenes, na busca do princípio de todas as coisas, não levou em consideração nem a hipótese de um elemento totalmente denso; e nem a hipótese de um elemento totalmente sutil, mas tentou conciliar estes dois aspectos, preservando ambas as características, porém, não pendendo totalmente para um lado, nem totalmente para o outro; e nesta busca por uma síntese, Anaxímenes chega à conclusão de que o “Arkhé” consistiria no elemento ar; pois não seria tão denso como a água, à ponto de conseguirmos observá-lo, ou seja, seria algo invisível, mas por outro lado, não seria também

algo tão sutil como o infinito (ou “apeirón”), à ponto de não conseguirmos senti-lo.

Heráclito

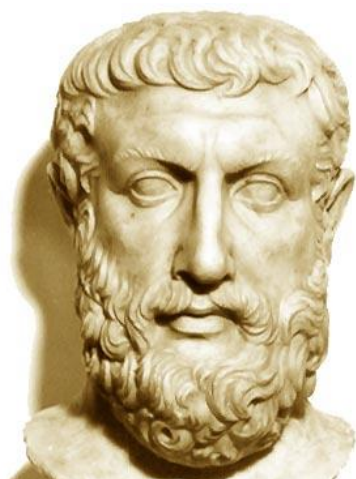


Heráclito foi um dos mais influentes filósofos da tradição grega, nascido na cidade de navegantes de éfeso em 535 a.c, recebeu a alcunha de “o obscuro”, pelo seu tratado “sobre a natureza”. Heráclito é considerado por muitos o pai do movimento dialético, e mais adiante veremos o porquê desta classificação.

A filosofia de Heráclito pode ser resumida pelo seu imperativo filosófico : Panta rei, ou seja tudo flui. A filosofia heraclitana é um constante devir, onde tudo permanece em constante movimento. Heráclito, como seus contemporâneos procurava um princípio fundamental, que para ele seria o fogo, tudo no mundo era constituído pelo fogo, e no fim das contas tudo retornaria ao fogo.

Como dito anteriormente Heráclito era pensador do devir, porém este movimento, esta mudança (kinesis), não se dava de forma indeterminada ou aleatória, existia, para o pensador de éfeso uma alternância entre contrários, (aqui começa a ficar claro, por que muitos interpretes o consideram como o pensador da dialética). Tudo muda de um modo determinado, por exemplo o frio e o calor, a noite e o dia, a doença e a saúde, todas essas mudanças constituem uma realidade que está em perpetuo movimento. A realidade, segundo Heráclito é uma guerra entre opostos, que invariavelmente, será transposta de um “lado” ao outro. Tudo é uma e a mesma coisa, que nos aparecem em determinados momentos de formas distintas.

Parmênides



Parmênides: nasceu na cidade de Eleia no ano de 530 a.c, e ao lado de Heráclito, foi um dos mais influentes filósofos do mundo antigo. Sua influência é de vital importância para o pensamento metafísico de Platão e para a tradição. Ao contrário de seu contemporâneo de éfeso, acreditava que a realidade era imutável, estática e imóvel.

Parmênides traz algo de novo para a filosofia de sua época, ao abolir com a ideia de uma arché material como por exemplo terra, ar, fogo e água por exemplo, em seu tratado sobre a natureza, Parmênides fala-nos sobre a deusa que veio lhe mostrar que existem dois caminhos: o caminho da verdade, e o caminho da falsidade (opinião). Segundo ele o caminho da falsidade encontra-se nas sensações, o qual não nos dá nenhuma certeza. Enquanto a verdade, revelada pela deusa, encontra-se no pensamento, que é imutável e que constitui toda a realidade. Pensamento e existência em Parmênides são indissociáveis um do outro, o ser para Parmênides é a existência de um pensamento absoluto que não pode se alterar, pois alterando-se não pode ser.

Pode-se dizer, que com esta forma de pensar Parmênides foi o primeiro filósofo a fazer o que comumente é chamado de ontologia, ou seja a procura pela resposta da pergunta: “o que é ?” Mais adiante veremos como Platão se apropria desta ideia para postular seu mundo inteligível.

Anaxágoras de Clazômenas (cerca de 500 a 428 a.C.)

Para este filósofo, haveria um princípio “inteligente” denominado **Noûs**, que seria a razão para a ordenação de todas as coisas.

Anaxágoras também é conhecido como o “pai” da homeopatia, pois se valia da ideia de “homerias”, isto é, a noção de que “tudo está em tudo”. Desta forma, Anaxágoras exerce também uma certa influência na química, pois a partir da noção de homerias, o mesmo conclui que nada se cria e nada se destrói, mas tudo somente se transforma; um exemplo desta noção pode ser demonstrado em seu fragmento 17: “Mas o nascer e perecer, os gregos não consideram corretamente, pois nenhuma coisa nasce nem perece, mas de coisas que são se mistura e se separa. E assim corretamente se poderia chamar o nascer misturar-se e o perecer separar-se” (Anaxágoras).

A partir desta ideia de que tudo está em tudo, Anaxágoras acabou sendo um dos maiores influentes no pensamento socrático, pois para Sócrates, as ideias não são exteriores ao homem, mas partem de “dentro”, ou seja, todas as ideias já estão contidas no próprio homem; o que faria Sócrates propor uma mudança na investigação filosófica. Tal mudança, seria a passagem da busca pelo conhecimento a partir da observação da natureza, para a busca do conhecimento a partir do próprio homem, proporcionando assim, uma espécie de “virada” na história da filosofia, da filosofia natural cosmológica, para a filosofia socrática antropológica.

Após esta exposição dos principais (uma vez que os mesmos foram os mais influentes no pensamento socrático-platônico) filósofos pré-socráticos, falaremos a seguir dos filósofos mais influenciados por estas ideias, mas que por outro lado, tentaram encontrar diferentes respostas para as mesmas perguntas; e também diferentes perguntas para as mesmas respostas. Os principais filósofos que veremos adiante são: Sócrates e Platão.

A IRONIA SOCRÁTICA & A SOLUÇÃO PLATÔNICA.

A figura de Sócrates

No percurso da história da filosofia deparamos com determinados períodos e problemas que pensadores trabalharam e se dedicaram a sua filosofia. Podemos dividir as etapas das análises filosóficas se objetivaram em três fases: mitologia, cosmologia e antropologia. A figura de Sócrates inaugurou de uma certa forma a fase da antropologia, ou seja, o objeto de estudo não estaria centrado na natureza e o homem como parte dela, e sim o homem como um elemento que se destaca por sua característica única, portador de uma faculdade intelectual cognitiva.

Sócrates teve uma atuação digna e valente como cidadão e soldado, mas, sobretudo foi o homem da ágora, isto é, homem da rua da praça que fala e inquieta toda Atena.

Sócrates não ensinava, ele queria aprender; e tinha como princípio de seu pensamento a busca da essência das coisas através das conversas com seus interlocutores, porém não eram a partir de simples conversas corriqueiras do cotidiano que Sócrates chegava às suas conclusões acerca de conceitos como: justiça, alma, virtudes etc., ele colocava seus pensamentos ao uso coletivo, para poder formular a possibilidade da essência das aptidões das classificações das funções de cada cidadão de Atenas.

O problema do pensamento na visão de Sócrates, era que ele dava espaço para condições relativistas dos conceitos; e dessa maneira, no plano da opinião todos têm razão e, por isso, ninguém realmente a possui, diferente dos sofistas, que por sua vez, ficavam satisfeitos pelas belas e sedutoras palavras, capazes de proporcionarem o convencimento, mas nunca a verdade. Sócrates queria conhecer a essência das coisas. Sócrates propõe diálogos aporéticos (sem saída) que passavam por etapas, com o fim último de destruir a convicção e a suposta “verdade” que seu interlocutor até então tomava como absoluta. Os diálogos podem ser vistos como um método de indagação de reabilitar novas perspectivas, com os conceitos trabalhados nos diálogos. A primeira parte durante os diálogos seria a ironia, termo em grego que significa: “perguntando, fingindo ignorar” diante do oponente (enquanto interlocutor), que diz se diz

conhecedor de determinados assuntos. Sócrates afirmava inicialmente que nada sabia. Com hábeis perguntas, desmonta as certezas até que o outro reconheça a tua própria ignorância, ou abandone a discussão. Sócrates submetia os conceitos a dúvida, como ferramenta para chegar a segunda etapa dos diálogos, que ele chamou de maiêutica (foi assim denominado pela profissão de sua mãe, que era parteira); e assim como sua mãe ajudava a dar à luz para um novo ser humano, ele ajudava a “dar à luz” para ideias novas. Após de desmontar o saber meramente opinativo (DOXA) de seu interlocutor, seguia pela busca da definição do conceito que estava sendo colocado em pauta na discussão, para assim buscar um conhecimento que esteja isento do relativismo sofístico da opinião.

Breve retrospectiva do dilema entre ser mutável e imóvel

Como vimos anteriormente, nas perspectivas de Parmênides e Heráclito, o primeiro se dedica a demonstrar que a natureza constitui uma característica única e eterna; portanto imutável, ou seja, ele alega que não há movimento, porém, a mudança se encontra no mundo sensível, todavia não podemos conhece-la, uma vez que para Parmênides "o Ser é" e o "não ser não é".

Em contrapartida, tendo uma visão unilateral do mundo sensível, Heráclito defende a ideia do "Devir" (um continuo processo ininterrupto de sucessões de opostos que resulta na harmonia de todos os seres inseridos na totalidade do cosmos), assim para Heráclito, a compreensão da multiplicidade do real se objetiva na expressão do mutável através de todas as coisas que modificam sem cessar de uma passagem para a outra, como as estações do ano: primavera, verão, outono e inverno, entre esse processo de múltiplas etapas e condições no espaço e tempo do cosmos. De acordo com Heráclito: "nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio", pois não somos os mesmos; e nem o momento é o mesmo, na recordação dos acontecimentos, tanto anteriores quanto posteriores, não podemos ter absoluto controle das etapas das experiências que formulam nosso eu.

Com esse embate ontológico, a ausência de uma solução que pudesse explicar como é possível ter um conhecimento que pudesse dar conta das características

e qualidades dos objetos (ou conceitos) perante um sujeito que conhece, ainda não tinha sido suprida.

Platão e sua solução dualista

Platão fundou a Academia de Atenas, escola onde estudou Aristóteles. Escreveu sobre diversos temas como epistemologia, metafísica, ética e política. Em seus diálogos, um dos personagens que aparece frequentemente é Sócrates, de quem Platão foi discípulo. Em muitos momentos é difícil dividir o pensamento dos dois filósofos.

Em seus diálogos, Platão utiliza diversos personagens históricos como Górgias (um dos maiores sofistas da antiguidade), Parmênides e Sócrates, para através de suas falas expor suas teorias filosóficas. Uma de suas teorias mais conhecidas é a das Ideias, onde afirma que o mundo que conhecemos através dos cinco sentidos, o mundo sensível, é um mundo imperfeito e falho, mera sombra do real mundo das ideias. É a partir dessa teoria que podemos entender como Platão propõe uma solução para o conflito entre as ideias de Heráclito e Parmênides.

Ele ressalta uma articulação da síntese dos dois pensadores, resultando em uma filosofia metafísica que trabalha as relações do percurso da existência como forma dualista de graus perspectivos na variação entre os polos: sensíveis e inteligíveis, corpo e alma, ser e não ser, como processo cognitivo.

Mas como Platão chega nessa conclusão? Ele primeiramente aceita o ser de Parmênides como princípio que condiciona e orienta nossas mudanças, assim, por exemplo, ao deparamos com um objeto X podemos classifica-lo ao conhecer quais são suas qualidades e características que o distingue das demais mudanças, porém se o plano da imanência discorre na fluidez do devir, esse objeto X já se corrompeu da sua forma que se apresentou para o sujeito, dessa forma como podemos atribuir valores e conhecimento diante dessa pluralidade?

A teoria das ideias platônica se objetiva neste aspecto, a solução dada é que, temos inseridos em nós, imagens perfeitas, das quais podemos deliberar nas identificações das mudanças sensoriais do Devir. Carregamos na interioridade um ponto fixo que nos orienta, Platão chama isso de alma, o guia que temos no

perpétuo devir do “mundo sensível” (ou das aparências), subordinado ao inteligível e imutável “mundo das ideias” (ou das essências) como suporte na estrutura cognoscível do homem, que só pode observar o mundo de tal modo a enxergar apenas as aparências (projetadas como sombras) das coisas, mas jamais pode observar na realidade do mundo sensível a verdadeira essência (ou “episteme”) das coisas (enquanto objetos).

Para podemos compreender melhor a proposta platônica entre o relacionamento do mutável com o imutável, recorremos o célebre livro VII da República, onde Platão deixa se levar por um viés metafórico descrevendo um lugar subterrâneo, especificamente, uma caverna onde há homens que viveram desde suas infâncias acorrentadas de tal modo que enxergam apenas paredes ao fundo da caverna, no qual se encontram sombras, que para esses homens são a única realidade que tiveram durante toda a vida. Tomando como ponto de partida a projeção das sombras de vários objetos empunhados atrás de um muro, nele esconde-se uma fogueira. Se um dos indivíduos conseguisse se soltar das correntes para contemplar a luz do dia e poder observar os verdadeiros objetos, ao regressar à caverna seus antigos companheiros o tomariam por louco e não acreditariam em suas palavras.

Podemos analisar no contexto platônico da alegoria da caverna, uma mensagem que tem no agir do filósofo, um compromisso ético com o conhecimento que ele possui, proporcionando um movimento descendente para compartilhar seu saber com os outros que estão atrelados à opinião dos sentidos, desorientados pelas mudanças do mundo sensível. O filósofo, ao encontrar as três maiores ideias: de bem, de belo e de bom, deve contribuir para o processo educacional da polis; e assim, podemos constatar a utilidade da alegoria tanto para um viés político quanto para um viés ético para administração da polis. Também podemos tomar a alegoria como proporcionadora de um saber epistemológico, pois quando o filósofo desperta o conhecimento verdadeiro para o próximo, indo em direção de uma sociedade ideal, a mesma seria como um “organismo”, onde cada cidadão estaria comprometido com suas obrigações de acordo com suas aptidões e virtudes inatas, para colaborar assim, na constituição do todo da “sociedade perfeita”.

Se retomarmos ao princípio dos pré-socráticos, Platão supera a oposição entre Parmênides e Heráclito como um método de complementação, saindo do campo da cosmologia e criando a gênese da epistemologia, que posteriormente se tornaria a base para as ciências naturais.

ARISTÓTELES (384 a.C. – 322 a.C.)



www.shutterstock.com · 208355968

Aristóteles pode ser considerado como um dos maiores pensadores da Grécia Antiga, mesmo não sendo grego, mas macedônico. Tal “fama” se daria pelo fato de que o mesmo, além de escrever sobre inúmeros assuntos distintos, ainda foi capaz de se aprofundar em quase todos estes assuntos.

Esse filósofo também é tido como um dos maiores pensadores da humanidade, pois não se limitou a tratar de assuntos meramente filosóficos, mas produziu tratados acerca das mais diversas áreas do conhecimento, como: A física e a biologia, por exemplo.

O fato de ser filho do senhor Nicômacos, que era médico da corte de Filipe da Macedônia, pode ter sido um fator crucial para o grande interesse pela biologia.

No tocante as ciências, Aristóteles dividiu-as em três ramos, com sua devida ordem de importância:

- 1º - As ciências teoréticas
- 2º - As ciências práticas
- 3º - As ciências poiéticas

.Teoréticas: saberes de teor contemplativo, ou seja, que tem sua finalidade circunscrita sobre si mesma. Exemplos: A filosofia, a física e a matemática.

.Práticas: saberes que visam uma finalidade moral, como a ética e a política, por exemplo. Pode-se considerá-las como uma certa “filosofia aplicada”.

.Poiéticas: saberes que visam uma finalidade produtiva, ou seja, buscam a transformação da matéria.

Pautado por esta divisão, Aristóteles irá tratar em suas obras, ora de assuntos atrelados à uma filosofia teórica, ora de temas da filosofia prática (ou aplicada).

Uma das principais obras do autor em relação a filosofia prática é a “**Ética à Nicômaco**”, na qual Aristóteles apresenta uma classificação de **virtudes** que representariam a melhor maneira de agir em relação às diferentes paixões (ou emoções) da alma humana, de maneira em que a virtude deve ser pautada pelo meio termo, correspondendo assim, à distância entre dois vícios, ou seja, seria a busca do equilíbrio entre a falta e o excesso, conforme a ilustração abaixo:



Conforme este exemplo, percebe-se que para a doutrina do meio termo de Aristóteles, qualquer ação praticada em excesso, é prejudicial, como no caso da coragem por exemplo: pois aquele que comete uma ação com excesso de coragem, acaba se tornando temerário; e não corajoso. Um exemplo que ilustra a temeridade poderia ser o fato de uma pessoa reagir à um assalto, neste caso,

por estar colocando sua vida em risco desnecessariamente, tal ato pode ser interpretado como temerário, ou seja, como uma ação praticada pelo excesso de coragem.

Em suma, a grande proposta de Aristóteles, em sua obra: “**Ética à Nicômaco**”, seria a de possibilitar aos estudantes da doutrina das virtudes, que ao se habituarem a praticar tais virtudes, se tornassem pessoas virtuosas, ou seja, equilibradas em suas emoções; e conseqüentemente, felizes.

PESQUISA:

Pesquise a tabela das virtudes aristotélicas e escolha uma das virtudes para fazer um resumo, contendo pelo menos um exemplo dessa virtude no cotidiano e um exemplo de seus respectivos vícios.

VOCÊ SABIA?

Que Aristóteles foi discípulo do filósofo Platão; e também que foi mestre de Alexandre (imperador macedônico), que é tido pela história como sendo representado pela figura de um dos maiores imperadores de todos os tempos, conhecido como: “Alexandre o Grande”.

Quando se fala em ciências teoréticas, a metafísica e a física são as que Aristóteles assim define. De um certo modo o projeto de ambas as obras supracitadas, convergem numa busca pelas causas. Aristóteles faz um certo retrocesso como um primeiro passo, para delimitar quantas e quais são as causas que geram e corrompem a existência. O nosso autor enumera 4 como sendo as causas principais.

- 1) causa formal
- 2) causa material
- 3) causa eficiente
- 4) causa final.

Aristóteles usa essas mesmas causas tanto na física quanto na metafísica, porém na metafísica ele acrescenta mais duas motivações, o processo de rotação dos céus e o primeiro motor imóvel como causas suprassensíveis da realidade. Na física e na metafísica, Aristóteles tenta resolver a questão que assolava os gregos desde a tradição, herdada, de Heráclito e Parmênides, sobre a questão do movimento (kinesis). Platão pensou ter resolvido o problema ao constatar a existência do inteligível, onde se encontrariam as formas imutáveis de toda realidade, e o sensível onde viveria apenas os corpos perenes, que tendem a perecer inevitavelmente. Aristóteles, com um “tom” muito mais científico que seu mestre Platão, mostra a necessidade do processo causal. Tudo o que se gera, gera-se por um motivo, tanto quanto tudo o que se corrompe. Começemos por definir as causas físicas: 1) a causa formal nada mais é que a forma de alguma coisa; tomemos como exemplo a estátua da deusa Atena a forma, é o que molda, caracteriza as feições da deusa. 2) a causa matéria da estátua como vimos, é o mármore, sem o qual seria impossível trazer à tona a forma da deusa. 3) a causa eficiente é o que “move” a estatua, ou seja, neste caso o escultor que, ao pensar (forma) a estatua a produz. 4) a causa final a causa final do escultor é que a estatua seja contemplada.

Deve ficar claro para o leitor iniciante, que existe uma vinculação estrita e necessária entre causa eficiente e final, pois seria inconcebível para Aristóteles um movimento que não pudesse ser findado, tudo na natureza tem um fim à que tende necessariamente, como visto a cima, o fim da filosofia prática (enquanto ética) é a felicidade, e o fim da estátua é sua contemplação. Porém, as coisas não mudam de forma aleatória, existe uma “**potencialidade**” intrínseca na natureza de cada um, que compreende as possibilidades de seu movimento, de sua alteração da mudança qualitativa como o autor nos adverte. Porém, é necessário que haja uma substância que possa receber essas alterações qualitativas, alguma coisa, que por assim dizer, simplesmente **é**, ou usando termos aristotélicos o que está em ato. A famosa doutrina do ato e da potência de Aristóteles corrobora com sua doutrina das causas, já que está implícita a noção de causa no ato e na potência. Mas para que fique mais claro, daremos um exemplo elucidativo: por exemplo tomemos uma planta, que com o passar do tempo perde sua coloração verde, e passa à uma coloração um pouco menos

esverdeada, até que finalmente torna-se marrom, segundo a doutrina do ato e da potência aristotélico, existe uma potencialidade que faz com que o verde se torne marrom em algum momento.

Já a importância do acima citado movimento celeste e o movimento do primeiro motor imóvel, é garantia de que como se gera a vida em termos mais universais. Aristóteles, postula como necessário a existência de um movente imóvel, que segundo ele mesmo seria Deus, para dar o primeiro impulso ao movimento de geração e corrupção.

A FILOSOFIA HELÊNICA

O período dessa filosofia é extenso, abordaremos aqui alguns filósofos que apareceram após Sócrates, Platão e Aristóteles. Sócrates sempre será um marco dentro da história da Filosofia, já que os primeiros filósofos buscavam, em sua maioria, explicações para o mundo ao seu redor em princípios naturais e não se centravam no estudo de coisas que pertenciam ao universo humano, à alma humana, como a origem da bondade, da justiça, da ética, das virtudes de maneira geral; e isso Sócrates fará, principalmente em seus diálogos registrados por seu discípulo Platão. Sócrates é um marco na filosofia e na forma de fazer filosofia.

A palavra helênica deriva de helenismo, termo que corresponde ao período que vai de Alexandre Magno, o macedônico, até o da dominação romana (fim do séc. IV a. C. ao fim do séc. I d.C.). Alexandre, O Grande, estendeu a influência do pensamento grego por toda região que conquistara, desde o Egito até a Índia.

Um dos principais pensadores dessa é Epicuro e sua escola e doutrina é conhecida como Epicurismo.

Essa escola de pensamento foi fundada por Epicuro de Samos no ano de 306 a.C. em Atenas. Sua característica em comum com outras escolas de pensamento do período helênico é a preocupação de subordinar a investigação filosófica a exigência de garantir tranquilidade do espírito ao ser humano.

O epicurismo tem como princípio a sensação como critério de verdade e do bem (este último é identificado com o prazer). Para o epicurismo, o bem situava-se

no prazer, mas esse prazer não era simplesmente sua redução ao instinto, mas tinha a ver com o sentir-se bem com a natureza e com o mundo ao seu redor.

Outras ideias relacionadas à escola dos epicuristas:

Cálculo do prazer - Consiste na ideia de Epicuro de que é possível maximizar o bem-estar da vida por meio do cuidadoso cálculo matemático, dos sacrifícios e do prazer decorrentes de um comportamento. O cálculo não deve considerar somente as consequências imediatas, mas também, as de longo prazo, posto que, frequentemente, satisfazer um desejo provoca uma imediata felicidade.

Necessidades - Epicuro distingue três tipos de necessidades: 1) Necessidades naturais e essenciais, a serem saciadas sempre (por exemplo, a fome, a sede, o sono). Dependem das necessidades biológicas do corpo e, se não forem satisfeitas, produzem a morte. 2) Necessidades naturais e não essenciais, a serem buscadas com moderação ou nem mesmo assim (por exemplo, comer bem ou demais, exceder-se nas práticas sexuais). 3) Necessidades não naturais e não essenciais, que nunca devem ser buscadas, pela sua natureza artificial (glória, sucesso, riqueza, beleza).

Hedonismo - Corresponde à doutrina do Epicurismo, pela qual o prazer é o fim e o princípio de uma vida feliz, objetivo em direção ao qual todo indivíduo orienta a própria ação. No entanto, segundo Epicuro, é preciso distinguir entre *prazer efêmero* (alegria) e *prazer estável*, definido pela negativa, como *ausência de dor*. Dado que somente o segundo tipo de prazer é perseguido pelo sábio, o Epicurismo condena a tentativa de satisfazer indiscriminadamente todo desejo, defendendo a necessidade do *racionalismo ético*, ou seja, um sensato controle da razão sobre as emoções e as pulsões do espírito.

Sugestão de pesquisa: Pesquisar sobre as principais ideias de Epicuro e qual a implicação na vida de alguém na prática dessas ideias.

Vamos falar agora de outro filósofo da época helênica e de outra escola de pensamento, Sêneca e o estoicismo.

É preciso termos em mente ao estudarmos a filosofia helênica que suas ideias principais não são estáticas, escolas filosóficas como o estoicismo, que precedeu o filósofo Sêneca, exerceu influência sobre suas ideias, sendo Sêneca identificado com essa escola de pensamento.

O estoicismo

Foi uma das principais escolas de pensamento do período helênico. Foi fundada por volta de 300 a.C., por Zenão de Cício. Os principais mestres dessa escola além de Zenão, Cleante de Axo e Crisipo de Soles. Com as escolas da mesma época, epicurismo e ceticismo, o estoicismo compartilhou a afirmação da prevalência da questão moral sobre as teorias e o conceito de filosofia como vida contemplativa acima das ocupações, das preocupações e das emoções da vida comum. Seu ideal, portanto, é de *ataraxia*.

Ataraxia: é uma palavra derivada do idioma grego, foi usada primeiramente por Demócrito em seus fragmentos de número 191, depois pelos epicuristas e pelos estoicos, para designar o ideal de imperturbabilidade ou da serenidade da alma, em decorrência do domínio sobre as paixões ou da extirpação destas.

O filósofo Sêneca

Sêneca foi um filósofo de origem latina.

Nasceu em Roma no ano 4 a.C., sua filosofia se assemelha muito ao estoicismo buscando a *ataraxia*, a imperturbabilidade frente as mudanças frenéticas do mundo ao nosso redor. Para Sêneca é muito difícil sabermos o que nos pode acontecer a cada momento de nossa vida, os acontecimentos são imprevisíveis, por esse mesmo motivo devemos cultivar em nossa alma por intermédio da razão um espírito que esteja preparado para os acontecimentos ruins que podem acontecer em nossas vidas.

Sêneca viveu em um período muito difícil e violento da história. Foi tutor de Nero e já se preocupava diante sua formação sobre como o imperador seria. Suas

preocupações não eram sem sentido pois mais tarde Nero se revelara talvez o mais irascível dos imperadores romanos.

Sêneca se preocupou muito com a ira e escreveu um livro sobre esse assunto. Segundo o filósofo quanto mais ricas as pessoas eram mais propensas aos vícios da alma elas se tornavam e assim mais propensas a ira. Desenvolviavam um sentimento de que tudo deveria acontecer conforme elas imaginavam e isso resultava em comportamentos explosivos de ira, pois o destino não está sempre de acordo com o que imaginamos.

A filosofia de Sêneca busca explicar isso para nós, que os acontecimentos cotidianos em nossa vida muitas vezes não estão sob nosso controle, mas o que está sobre nosso controle é como vamos nos portar diante deles por meio da razão. Se alimentarmos a expectativa de que a maioria dos acontecimentos não acontecerão como queremos, que podemos ter reveses da sorte em nossa vida, melhor conduziremos nossa vida quando esses acontecimentos ruins nos sobrevierem.

Em seus escritos Sêneca usa a imagem da deusa Fortuna como exemplo, em uma das mãos da deusa está uma cornucópia, onde há toda sorte de bens que um ser humano pode possuir, porém, em outra mão está um leme que representa as mudanças que podem ocorrer conosco, mudanças que muitas vezes não esperamos. Se as coisas em nossa vida acontecem com imprevisibilidade é melhor que mantenhamos em nosso espírito um comportamento atarácico, ou seja, que não nos perturbemos nem com as riquezas, que podem nos fazer ter a falsa ilusão que nada de mal poderá nos acontecer, uma falsa ilusão de previsibilidade do que ocorre ao nosso redor, nem com a falta completa delas, pois devemos saber que a natureza não está sujeita a nós em seus acontecimentos.

A filosofia de Sêneca nesse sentido leva a contemplação, mas também à prática de um comportamento sereno ante a vida.

PESQUISA:

Como a filosofia de Sêneca pode ser praticada em nossa vida cotidiana?

Figuras a serem inseridas posteriormente: Mitologia: Perséfone e Deméter / Filosofia Helênica: Epicuro, Sêneca e deusa Fortuna.

REFERÊNCIAS

ABGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6ª edição. São Paulo SP. Editora Martins Fontes, 2012.

ARISTÓTELES. **Ética à Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, Col. Os Pensadores, 1996.

BARNES, Jonathan. **Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2001.

BARNES, Jonathan. **Filósofos Pré-Socráticos**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. vol. I. 23ª edição. Petrópolis RJ. Vozes, 2011.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Edipro, 2012.